CIDAC
Centro de Documentação
TL 3649

J O R N A D A S I N T E R N A C I O N A I S
P O R U M A S O C I E D A D E
S U P E R A N D O A S D O M I N A Ç Õ E S

Rua Manuel Bernardes,30 - 1º
Telef.60 77 11 - LISBOA

PORTUGAL

S I T U A Ç Ã O E M T I M O R - L E S T E

O texto que adiante apresentamos foi elaborado pelo CIDAC - Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral - de Lisboa. Este Centro, que existe desde 1974, apoia os movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas e realiza uma cooperação militante com os novos países africanos.

No presente o CIDAC tem como uma das suas prioridades o apoio à luta de resistência do povo de Timor-Leste face à agressão da Indonésia, baseando-se no facto de ser uma luta de libertação assumida por todo um povo, que de armas na mão vai conquistando a terra ao inimigo e como tal merece toda a nossa solidariedade e apoio.

Esta nossa solidariedade e apoio traduz-se por diversas formas. Por um lado, num esforço por romper o muro de silêncio erguido em torno desta ex-colónia portuguesa e que os sucessivos governos portugueses não têm sido capazes de encarar frontalmente.

Assim uma das nossas tarefas tem sido a da divulgação da situação político-militar em Timor-Leste e das vitórias alcançadas na frente diplomática.

Por outro lado ainda no campo da solidariedade com o povo de Timor-Leste, o CIDAC tem procurado focar o problema dos refugiados, os quais não possuindo uma organização que os organize e defenda, encontram-se numa situação extremamente difícil.

A LUTA DE RESISTÊNCIA EM TIMOR - LESTE

Na madrugada de 7 de Dezembro de 1975 dava-se início a uma das mais bárbaras agressões de que há memória, a um jovem país independente.

Com efeito nessa madrugada, elementos dos três ramos das forças armadas indonésias (calcula-se que foram enviados 45.000 homens) invadem o território de Timor-Leste, fazendo uso da mais brutal violência, que não poupou nem mulheres, nem velhos, nem crianças, calculando-se em 100.000 o número de mortos.

A esta situação respondeu desde logo o povo maubere * com a sua organização e resistência.

Táticamente milhares de timorenses recolheram-se nas montanhas onde se treinaram os resistentes, organizou-se a produção, estabeleceram-se escolas, em suma, lançaram-se as bases para uma guerra de resistência prolongada.

De então para cá, as vitórias do povo maubere têm-se sucedido. Hoje mais de 80% do território está de novo sob o controle do povo de Timor.

Não obstante as sucessivas condenações da ONU, o invasor indonésio persiste na tentativa de ocupação militar, embora a sua acção seja limitada agora apenas às principais cidades. No entanto a violência prolonga-se até aos dias de hoje.

---

* Maubere - Termo com que os colonialistas designavam os naturais de Timor. Era uma designação depreciativa, pelo que exclusivamente aplicada aos sectores mais explorados e oprimidos da população. Era o mesmo que "ralé". As forças progressistas de Timor chamaram a si a luta do povo maubere, isto é, dos explorados e oprimidos.

A tortura,os roubos,as violações,os incêndios de casas,as destruições sistemáticas das colheitas,os bombardeamentos,são prática corrente das tropas indonésias.

Para tornar mais claro o que foi e é esta bárbara agressão a que foi sujeito o povo de Timor-Leste,passaremos a transcrever alguns extractos que nos pareceram mais significativos do relatório elaborado por um ex-consul australiano em Dili,James Dunn,onde se acusa a Indonésia de ter chacinado milhares de Timores aquando da invasão de Timor-Leste.

Este relatório assume hoje uma importância muito grande na luta pela defesa dos direitos do povo maubere,daí a transcrição de algumas declarações de refugiados timores que hoje se encontram em Portugal e que assistiram à invasão.

Execuções num Mosteiro

Alguns timores contaram factos sobre o comportamento das tropas indonésias durante a invasão.Segundo várias testemunhas,havia em 6 de Dezembro,imediatamente antes da invasão,um pressentimento geral de que um ataque indonésio estava iminente.Unidades da FRETILIN retiraram-se para trás de Taibesse,em direcção às montanhas.Muitas pessoas fechavam-se dentro das suas casas,mas um grupo bastante grande dirigiu-se para a Igreja de Santo António,perto do farol da avenida em frente do porto de Dili.A Igreja era um bom posto de observação se houvesse uma invasão da indonésia.Conforme os relatos dos refugiados,barcos de guerra bombardearam Dili antes do nascer do sol,e um grande número de aviões metralharam a cidade,sem causar grandes danos.Quatro pessoas,dois timores e dois chineses,referiram-se à violência indiscriminada das tropas indonésias. Duas das pessoas que se tinham refugiado na Igreja contaram vários que os paraquedistas se afogaram,porque caíram na baía,em vez de poisarem em terra.Uma refugiada quese encontrava nesse momento na Igreja contou:

às 7 da manhã,disse ela,tinha visto como os paraquedistas indonésios abateram a tiro uma mulherna garagem da paróquia,ao lado da igreja,e duas outras em frente da igreja,apesar delas levantarem as mãos ao ar.Mencionou os nomes de duas delas.A seguir as tropas indonésias ordenaram a todos os que se encontravam perto da igreja que entrassem.

As 9 da manhã do dia seguinteestas pessoas e outras receberam ordem dos soldados para irem ao estaleiro,onde estavam presas cerca de 27 mulheres,algumas timores,outras chinesas.Ela disse que um certo número de mulheres tinham crianças e que todas choravam.Os indonésios arrancavam as crianças às mães e davam-nas à multidão.A seguir as mulheres foram abatidas uma a uma.Os indonésios deram ordem aos presentes para fazerem a contagem.

As duas da tarde 59 homens,chineses e timores,foram levados para o estaleiro. Um deles era(....) cuja viúva,segundo me contava a minha informadora,se encontra agora com dois filhos na Austrália;Estes homens eram abatidos a tiro um por um.De novo os presentes tiveram de fazer a contagem.Foram cerca de 500,calculava ela.As vítimas deviam pôr-se na ponta do cais,de modo a que os corpos caíssem na água ao serem abatidos.Os soldados indonésios abriam fogo sobre os corpos na água,quando estes ainda davam sinais de vida.Muitos dos homens tal como o tinham feito as mulheres antes de serem executadas - suplicavam aos indonésios,alguns de joelhos,mas ninguém do grupo foi poupado.Um outro informador contou-me que no dia seguinte os corpos deram à costa,em frente à casa do bispo,tendo os timores recebido ordens para os tirar daí.Estes informadores disseram-me terem ouvido dizer que as execuções no estaleiro tinham continuado.

Segundo um informador,um grande número de timores foram abatidos na área de Taibese,onde os indonésios mataram famílias inteiras,apanhadas nas casas em que havia bandeiras da FRETILIN hasteadas.Outros contavam que os indonésios tinham morto muita gente perto do aeroporto,lançando simplesmente granadas de mão para dentro das casas.(....) mencionou um número de 60 pessoas mortas desta maneira.Conforme o testemunho de (....)foram os chineses quem mais sofreu durante os primeiros dias a seguir à invasão.Só no primeiro dia,disse ela,ouviu dizer que pelo menos 500 chinesas tinham sido mortos pelas tropas indonésias.Além dos massacres na área dos estaleiros e do quartel general da polícia,segundo os meus informadores,grupos de pessoas foram abatidos conscientemente em Villaverde,ao pé de Sang Tai Hu,Santa Cruz,ao pé da loja de Lay Ju Man,junto do antigo consulado australiano(onde um certo número de enfermeiras teria sido abatido),fora da casa de João de Martines, um antigo director de Alfandega,e ao pé do antigo quartel general da Cruz Vermelha Internacional.

Até as janelas foram roubadas

Todos os refugiados disseram que os soldados indonésios,logo desde o primeiro dia da invasão,pilhavam em grande escala.Imediatamente a seguir à invasão perto de Dili,conforme o relato de várias testemunhas,a maior parte da população da cidade recebeu ordens para se dirigir para um local perto do aeroporto.Quando regressaram,as suas casas estavam completamente pilhadas e em certos casos mesmo totalmente vazias.Carros,rádios,móveis,serviços e talheres,até as janelas foram levadas para os barcos que estavam no porto e que mais tarde se afastaram de Timor.A maior parte dos carros deixados em Dili foram levados para bordo pelos soldados indonésios.A maior parte dos tratores que estavam na área de Dili também foram levados,segundo os informadores.As igrejas e o seminário também foram pilhados e os livros deste último foram queimados.

De acordo com as declarações dos refugiados,as execuções na área de Dili continuaram até ao fim de Fevereiro.Apenas o terreno das execuções tinha mudado do estaleiro para Tasitalo,perto do aeroporto,diziam.Segundo um informador,ainda em 17 de Agosto do ano passado,algumas pessoas foram mortas por se terem recusado a participar nas festividades do Dia da Independência da Indonésia.Uma informadora disse que conhecia pelo menos três das vítimas: entre as quais um chinês(....)que ela conhecia bem.Conforme um depoimento alguns indonésios nomeadamente alguns oficiais,tentaram,entre Março e Abril de 1976,melhorar as relações com a população local.Mas,segundo este informador,estas tentativas eram continuamente contrariadas pela continuação das pilhagens e pelas violações praticadas pelos soldados.Contaram-me que os soldados indonésios tinham o costume de agarrar raparigas jovens,carregá-las em camiões,para depois as violar.Também se acusava uma unidade especial de informação,que operava a partir do último andar do Hotel Tropical,de recorrer regularmente a torturas para obter informações sobre a FRETILIN.O oficial que chefiava esta"unidade de interrogações" era o major Yusman,que trabalhava sob as ordens do chefe supremo do serviço de informação de Timor-Leste,coronel Sinaga.um homem que,como se diz,é odiado e temido.Uma testemunha feminina disse conhecer duas mulheres que foram torturadas para se lhes arrancar informações sobre a FRETILIN.Disse que(....) e(....) foram despidas até estarem nuas e que os seus seios foram queimados com cigarros.Disse também que foram utilizados choques eléctricos nos seus corpos.

Disseram-me que Dili se tinha tornado relativamente segura depois de Abril, embora ainda se pudessem ouvir tiros durante a noite.(....)disse-me que quando foi de carro de Dili para(....) (distanciando mais ou menos 5Km da cidade),em Abril de 1976,o seu jeep era acompanhado por três blindados e um camião cheio de soldados.Durante a viagem apanharam alguns tigres e os soldados indonésios insistiram em estar de regresso antes da noite cair.

Todos os refugiados diziam que os indonésios continuavam a tomar uma atitude de hostilidade arrogante para com a população local.Em geral os Timores tinham de fazer continência quando falavam com os soldados rasos indonésios.Se recu_ savam batiam-lhes.Quando as casas já não tinham nada,os soldados indonésios viravam-se para os túmulos dos europeus e dos timores mais abastados.Contaram--me (....)que os indonésios desenterraram o túmulo do padre Martins em Mali_ ana(há doze anos passei uma noite na missão dele)e lhe arrancaram os dentes de oiro.Também os túmulos dos chefes das povoações eram escavados pelos sol_ dados indonésios à procura de espólios(os chefes timores em geral são enter_ rados com uma parte das suas jóias).

Perguntei aos chefes da comunidade dos refugiados se era possível que tives_ sem sido mortas em Timor-Leste 100.000 pessoas.Todos me disseram que este número era crível,tendo em conta os massacres generalizados nas regiões mon_ tanhosas e os grande bombardeamentos(contava-se que nos últimos meses se usa va napalm).Muita gente tinha abandonado as grandes cidades e as aldeias e encontravam-se agora nas montanhas,em áreas que estavam mais ou menos sob a administração da FRETILIN.Os timores(....) e (....) e (....) diziam que ha_ via em Setembro mais ou menos 30.000 soldados indonésios em Timor-Leste.A última informação relacionada com a situação em Timor-Leste datava de Novem_ bro.Um chinês que tinha deixado Dili naquela altura(...)disse que com o co_ meço das chuvas a situação tinha piorado.A alimentação era muito escassa em Dili,porque não podia ser transportada das áres onde era produzida".

Depois destes dados podemos dizer que a situaçãovivida pelo povo de Timor-Leste,que se encontra nas zonas ocupadas é muito difícil.

Em Dili,por exemplo,a colónia chinesa foi exterminada,tendo o comércio(até então nas suas mãos)ficado sob o controle dos generais indonésios que assim exploram os seus próprios soldados.

Nesta cidade e seus arredores são numerosos os campos de concentração onde a população prisioneira é sujeita a toda a espécie de humilhações e atroci_ dades,contando-se por muitas centenas os que morreram de fome.

Entre as torturas aplicadas aos prisioneiros contam-se as dos choques elé_ ctricos nos órgãos genitais,o espancamento,a violação das mulheres perante seus próprios maridos e filhos,as mutilações,etc...

Paralelamente as tropas indonésias lançam bombas de napalm sobre as colhei_ tas nas zonas libertadas,procurando deste modo asfixiar a resistência do povo.

Nas zonas libertadas,o povo maubere lança as bases duma sociedade mais justa e onde a opressão e a dominação não têm lugar.

Assim,para além da organização da frente militar,o povo maubere reforçou ou_ tras frentes que são de extrema importância também: - as frentes da produ_ ção,da educação e da saúde.

No campo da produção,e apesar das condições difíceis causadas pela guerra de devastação,através dos constantes bombardeamentos e ainda devido ao blo_ queio naval que a Indonésia impôs,o povo maubere desencadeou logo no início um movimento de produção,com vista à satisfação das necessidades elementares da população.

Assim nas zonas libertadas produz-se geralmente arroz,milho,batata doce,em cooperativas de produção.

A organização do povo em cooperativas é uma realidade em todo o país e tem um duplo objectivo:
- por um lado fazer com que o povo pense em soluções colectivas, através do trabalho colectivo;
- epor outro lado é também um meio de impedir a espionagem inimiga, pois que todos os cooperantes devem conhecer-se de modo a travar manobras do adversário.

A produção é recolhida para as cooperativas onde em seguida se faz a distribuição segundo as necessidades de cada zona.

A par das campanhas de produção agrícola, têm sido feitas campanhas de repovoamento florestal e redestribuição do gado - "cada pessoa uma árvore", "cada pessoa uma cabeça de gado".

Pretende-se encher Timor de florestas, pois os efeitos da erosão fazem-se sentir muito, em virtude da exploração selvagem a que Timor foi sujeito.

Este movimento de produção - algum dele ligado às escolas, de forma a dar tanto aos alunos como aos professores conhecimentos que são fundamentais para uma Guerra Popular e ainda reforçar a sua consciência de oprimidos - alcançou este ano grandes vitórias, tendo havido pela primeira vez excedentes de produção.

No campo da educação, o povo organizado nas diferentes zonas libertadas, e servindo-se dos seus quadros, alfabetizou mais de 50.000 adultos, que até aí não sabiam ler nem escrever. Com os avanços alcançados neste campo, através destas campanhas e da construção de escolas que resistissem aos bombardeamentos indonésios o povo de Timor-Leste organizado foi capaz de reforçar a defesa e de consolidar a unidade nacional.

No campo da saúde, apesar de não haver um único médico nas zonas libertadas e da situação ser agravada devido à falta de medicamentos, a situação em termos gerais melhorou. Desenvolveu-se bastante a utilização da medicina tradicional o que tem sido um importantíssimo recurso, aliado com o treino dos chamados médicos de pés descalços dos quais existem 200. Apesar destes inúmeros problemas e carências o povo organizado tem sido capaz de salvar muitas vidas e de combater as epidemias.

No que respeita à resistência, o povo maubere possui a sua organização militar. As forças armadas regulares, o exército feminino e o exército da juventude, são os 3 ramos principais do exército do povo maubere.

O exército regular é composto por cerca de 15.000 homens bem armados e bem treinados. O exército regular além de garantir a defesa do território e de treinar novos combatentes participa nas campanhas de educação e de produção nos diferentes núcleos populacionais da região que lhe pertence.

O exército feminino e da juventude são por seu lado compostos respectivamente por 1.000 mulheres e cerca de 1.000 jovens. Também o exército feminino e o da juventude têm dado o seu apoio às campanhas de alfabetização, educação e promoção.

Nas áreas libertadas existem ainda milícias populares compostas por camponeses que asseguram a defesa das suas terras.

Eis em termos muito resumidos o quadro da situação em Timor - Leste:

- dum lado o invasor que manifesta a sua crescente impotência através da mais violenta e feroz repressão,não olhando a meios,mas cujo ânimo moral é cada vez mais baixo,sendo generalizada a corrupção,sendo cada vez mais frequentes as deserções e as recusas em combater,entre os soldados indonésios.

- doutro lado um povo que luta pela sua libertação,dando combate sem tréguas ao inimigo,mas que ao mesmo tempo vai lançando,nas zonas libertadas,as bases duma sociedade mais justa,mais livre,mais pacífica.

---------- * ----------

Juntamos em anexo extractos de um relatório elaborado por um grupo de padres indonésios aquando da sua visita a Timor-Leste,relatórioeste que chegou às mãos de padres australianas que o publicaram.

Do relatório dos padres indonésios

Muito recentemente,em Novembro de 1976,uma delegação de padres indonésios visitou algumas regiões de Timor-Leste e elaborou um documento com base em entrevistas feitas a padres portugueses que se encontram na ilha.Desse texto podemos destacar:

"80% do território de Timor-Leste está controlado pela FRETILIN(Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente - movimento progressista criado a seguir ao 25 de Abril e que comanda toda a resistência do povo de Timor contra a Indonésia".

"O total de vilas e aldeias ocupadas pelas tropas indonésias ronda as 150.000 pessoas,num total de 650.000 habitantes.O que significa que 500.000 timorenses estão fora do seu controle".

"As comunicações terrestres são muito difíceis para as tropas indonésias,que utilizam na maior parte das vezes apenas o helicóptero ou a marinha".

"Disseram-nos que cerca de 60.000 timores tinham sido mortos até agora.Consideramos este número muito elevado,porque isto significava que 10% da população total tinha morrido.Mas quando referimos estes dados a dois padres de Dili eles responderam-nos que segundo as estimativas suas o número de mortos rondava os 100.000".

"O desejo de integração na Indonésia começa a diminuir devido à má experiência da ocupação das forças invasoras(roubos,incêndios de casas,violações de raparigas etc.).Um exemplo:5.000 pessoas desejavam as boas-vindas às tropas indonésias em Amara.Agora existem apenas 1.000 pessoas na vila,porque o resto da população se juntou à FRETILIN,nas montanhas".